

**A PRÁTICA DO PIC DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA ADOLESCENTES
NO CONTROLE DAS IST**

Lívia Manhani Grisante de Azevedo^I; Patrícia da Silva Ferreira^{II}; Lauren Cristiane Leite Ocampos^{III}; Bianka Aparecida de Lima Major^{IV}; João Grégory da Silva Soares^V; Karolyne de Paula Carvalho^{VI}.

- I. Enfermeira. Especialista em Enfermagem na UTI Neonatal pela Universidade de Cuiabá. Preceptora da faculdade de Medicina do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E- mail: liviaunivag@gmail.com
- II. Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenadora do Programa de Interação Comunitária no Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E- mail: patricia.ferreira@univag.edu.br
- III. Enfermeira. Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Mato Grosso. E- mail: laurencampos@ses.mt.gov.br
- IV. Estudante. Acadêmica da turma T5 da faculdade de Medicina do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E- mail: biank_lima@hotmail.com
- V. Estudante. Acadêmico da turma T5 da faculdade de Medicina do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E- mail: ggregorysoares@gmail.com
- VI. Estudante. Acadêmica da turma T5 da faculdade de Medicina do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E- mail: karolhff@hotmail.com

Introdução: A adolescência é a passagem da infância para a idade adulta, enquanto a puberdade refere-se às alterações biológicas que possibilitam o completo crescimento, desenvolvimento e maturação do indivíduo, assegurando a capacidade de reprodução e preservação da espécie, sendo uma fase dinâmica e complexa merecedora de atenção especial, uma vez que esta define padrões biológicos e de comportamentos que irão se manifestar durante o resto da vida do indivíduo¹. Considerando a Política Nacional de Promoção da Saúde, que tem por objetivo promover a qualidade de vida e reduzir a vulnerabilidade e os riscos relativos aos determinantes e condicionantes do processo saúde-doença, cabe à Equipe de Saúde da Família desenvolver ações de atenção primária e organizar a rede de saúde do seu território, bem como promover articulações intra e intersetoriais, estabelecendo parcerias e corresponsabilidades para a elaboração, condução e avaliação de ações destinadas à prevenção de agravos, promoção e assistência à saúde de adolescentes e jovens². Pela sua magnitude, transcendência, vulnerabilidade e factibilidade de controle, as Infecções Sexualmente Transmissíveis devem ser priorizadas enquanto agravos em saúde pública³. A prevenção, estratégia básica para o controle da transmissão das Infecções Sexualmente Transmissíveis, dar-se-á por meio da constante informação para a população geral e das atividades educativas que priorizem: a percepção de risco, as mudanças no comportamento sexual

e a promoção e adoção de medidas preventivas com ênfase na utilização adequada do preservativo³. **Objetivo:** Relatar a experiência de acadêmicos de medicina sobre a promoção de práticas e esclarecimentos sobre os diversos tipos de Infecções Sexualmente Transmissíveis, orientando sobre os métodos contraceptivos. **Metodologia:** Foi elaborado um projeto pelos acadêmicos de medicina em parceria com a USF Maria Galdina da Silva, localizada no município de Várzea Grande, no bairro do Vila Arthur, onde foi descrito as orientações para os adolescentes da Escola Estadual Irene Gomes de Campos, sobre os tipos de Infecção Sexualmente Transmissíveis e os métodos contraceptivos. A prática educativa tem como principal meta o esclarecimento à população adolescente que compõem a área de abrangência da USF. A idade dos adolescentes abordados foram de 12 a 16 anos, do ensino fundamental e médio. Os alunos foram encaminhados ao auditório da escola, aonde por meio de uma apresentação expositiva, data show, os acadêmicos de medicina falaram sobre as Infecção Sexualmente Transmissíveis e demonstraram os métodos contraceptivos. No final, os alunos tiraram algumas dúvidas e foi entregue preservativos masculinos. As Infecção Sexualmente Transmissíveis são frequentes, têm múltiplas etiologias e apresentações clínicas, e causam impacto na qualidade de vida das pessoas, nas relações pessoais, familiares e sociais⁴. **Discussão:** Percebemos que os adolescentes apresentavam muitas dúvidas sobre os diversos tipos de Infecções sexualmente transmissíveis, principalmente das formas de transmissão das mesmas. Após a prática de educação em saúde, houve um aumento significativo da procura por preservativos, vacinas contra a HPV, exame de Papanicolau e testes rápidos contra HIV, Sífilis e Hepatite B na USF pelos adolescentes. **Considerações finais:** As atividades realizadas contribuíram para diminuir a incidência e a prevalência de agravos relacionados as Infecção Sexualmente Transmissíveis em adolescentes, melhorando a parceria entre a escola e a USF para futuras atividades educativas em conjunto, conforme se for avaliando as necessidades dos alunos.

Palavras-chaves: Adolescentes. Prevenção. Infecção Sexualmente Transmissíveis.

Referências:

1. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde do adolescente: competências e habilidades. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Orientações básicas de atenção integral à saúde de adolescentes nas escolas e unidades básicas de saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 1. ed., 1. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde. 2005.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.